

O Calçadão dos Mascates: uma análise da proposta de desenho urbano

Verônica Maria Fernandes de Lima¹

Resumo. Como a relação entre desenho urbano do espaço urbano X identidade cultural está sendo tratada no caso de propostas brasileiras? Este trabalho procura responder esta questão, analisando uma proposta desenvolvida para o Bairro de São José, em Recife - o "Calçadão dos Mascates". Além da pesquisa bibliográfica e da análise de documentos, foram feitas entrevistas semi-estruturadas, tanto com os usuários da proposta estudada quanto com os autores dos projetos. Em relação aos técnicos, buscou-se perceber de que forma o fundamento da proposta tratou a relação identidade cultural X forma espacial proposta. Em relação aos usuários, procurou-se avaliar se os entrevistados se identificavam com a proposta. Enfim buscou-se perceber qual a importância da proposta estudada para a cidade levando em consideração tanto o olhar técnico, quanto o olhar do usuário.

Palavras-chave: desenho urbano, identidade cultural X forma espacial, Calçadão dos Mascates.

Abstract. How the relation between urban design of urban space x cultural identity has been considered by the brazilian proposals? This paper aims to answer this question, analyzing the proposal developed for Recife's suburb Sao Jose named Calçadão dos Mascates. Besides using bibliographic research and documents analysis, the work also was based on semi-structured interviews with the project users as well as its authors. In relation to the authors, the research intended to understand how the basis of their proposals was supported by the relation between cultural identity and the outline of the proposal. In relation to the users, the intention was to evaluate if they recognized themselves in the proposals. Ultimately, the research intended to realize the importance of the studied proposal for the city, considering both the author's view as well as the users'.

Keywords: urban design, cultural identity X spatial shape, Calçadão dos Mascates.

Introdução

O surgimento do desenho urbano nos Estados Unidos e nos meios anglo-saxônicos desde o final dos anos de 1960 pressupõe a existência de uma relação homem X ambiente, trabalhando com o espaço como suporte de usos e atividades desenvolvidas de acordo com as práticas de uma determinada comunidade. É importante, portanto, que as questões relacionadas à identidade cultural daquela população sejam consideradas nas propostas de desenho urbano. Como a relação entre desenho do espaço urbano X identidade cultural está sendo tratada no caso de propostas brasileiras? Este trabalho procura responder esta questão, analisando uma proposta de intervenção urbana desenvolvida para o centro da cidade do Recife - o Calçadão dos Mascates, popularmente conhecido como Camelódromo.

A pesquisa de campo foi apoiada em métodos qualitativos devido ao fato de que as questões colocadas são em sua maioria de natureza subjetiva e requerem um tipo de análise que considere a relação entre o objeto de pesquisa e o contexto no qual está inserido. Assim, além da pesquisa bibliográfica e da análise de documentos como: plantas, relatórios das propostas e notícias de jornais, foram feitas 12 entrevistas semi-estruturadas, sendo 10 com os usuários das propostas estudadas e 2 com os autores dos projetos. Em relação aos técnicos, procurou-se avaliar: a abordagem teórico-metodológica utilizada; os elementos direcionadores da proposta; as qualidades físicas da proposta e a relação teoria X prática. Buscou-se perceber de que forma o fundamento da proposta tratou a relação identidade cultural X forma espacial proposta. Em relação aos usuários, procurou-se avaliar: o nível de identificação com a

¹ Professora da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

proposta; o nível de participação no decorrer da proposta; o nível de afetividade/envolvimento e as formas de apropriação da área. A partir daí, foi possível: observar se os entrevistados se identificavam com a proposta e se sentiam que aquele espaço fazia parte do seu modo de vida; analisar se eles se apropriavam e se responsabilizavam pelo mesmo; e ainda se as pessoas gostavam de usufruir o local, se sentiam seguras e confortáveis quando o utilizavam; além de descobrir o significado e a importância da proposta para os mesmos.

1. Brevíssima discussão teórica

A questão da identidade se relaciona com a sensação de se reconhecer no espaço, de pertencer ao espaço, bem como de classificar o mesmo. A identidade é aqui entendida como o conjunto de representações, sentimentos e opiniões que o sujeito tem sobre si mesmo. Para Tap (1985), o sujeito constrói seu lugar e assume suas posições na sociedade através da apropriação da cultura e das instituições sociais mediadas pelo outro. A identidade, portanto, se forma no jogo das relações sociais na medida em que o sujeito se apropria das regras, valores, normas e formas de pensar de sua cultura.

Em um mundo globalizado tanto economicamente quanto culturalmente, ao mesmo tempo em que se assiste uma crise de identidade, observa-se também, como forma de resistência, a luta de algumas comunidades pelo fortalecimento da identidade cultural através um movimento de valorização das especificidades locais. É nesse sentido que Harvey afirma:

O encolhimento do espaço que faz diversas comunidades do globo competirem entre si implica estratégias competitivas localizadas e um sentido ampliado de consciência daquilo que torna um lugar especial e lhe dá vantagem competitiva. Essa espécie de reação confia muito mais na identificação do lugar; na construção e identificação de suas qualidades ímpares num mundo cada vez mais homogêneo e mais fragmentado (Harvey apud Lacerda, 2002: 92).

Acredita-se que a ocorrência de identificação dos moradores e/ou usuários com o desenho do espaço facilita no processo de apropriação, responsabilidade e sensação de pertencimento do mesmo. Dessa forma, o fortalecimento da relação espaço X identidade cultural faria com que os usuários - enquanto atores dessa relação - cuidassem melhor dos espaços públicos, tomando-os como parte de seus pertences e não como lugar de ninguém.

Sendo assim, ressalta-se a necessidade da observação das questões locais, principalmente com relação à dimensão cultural, na elaboração de propostas de desenho urbano, como forma de resistência e de adequação a realidade.

2. Contextualização

Recife, cidade localizada na Região Nordeste do Brasil, é a capital do estado de Pernambuco, apresentando uma população de 1.422.905 habitantes (IBGE, 2000). Localizada entre os Rios Capibaribe e Beberibe, e o Oceano Atlântico, o seu núcleo original se desenvolveu nas proximidades do Porto. É a partir daí que a cidade se desenvolve sendo composta por um conjunto de ilhas, istmo e terras. Dessa forma, Recife surge e cresce atrelada a função comercial e à necessidade da comunicação com o mundo através do único porto da região. Antes da chegada dos holandeses (1630) Recife não passava de um núcleo de pescadores que dependia economicamente e politicamente de Olinda, local onde se estabelecia a elite

açucareira. É com a ocupação holandesa que a povoação se estende à ilha fronteiriça ao istmo e sofre grandes transformações urbanas.

Inicialmente os holandeses invadem a Vila de Olinda, mas por questões de defesa, optam pelo Povo dos Arrecifes. A superioridade estratégica do sítio faz dele, praticamente, escolha natural para o assentamento. Por outro lado, suas condições de porto consolidam tal escolha como sítio para sede do governo holandês (Loureiro e Amorim, 2000, p.25).

A presença dos holandeses (1637-1654) foi decisiva para o desenho que a cidade adquire através do plano urbanístico traçado pelo arquiteto Pieter Post. Esse plano direcionava os três eixos de urbanização da parte central do Recife.

O primeiro eixo seguiu em direção ao norte do bairro do Recife, no caminho para Olinda, (...). O segundo eixo atravessou o rio Capibaribe e ocupou a ilha de Antônio Vaz, atuais bairros de Santo Antônio e São José. (...). O terceiro, configurou-se nos meados do século XVIII a partir da implantação do aterro da Boa Vista, na margem esquerda do Capibaribe, contornado a rua da Imperatriz e, na parte mais firme, o bairro da Boa Vista (Recife, 2007).

É a partir desse primeiro plano elaborado para a ocupação da ilha de Antônio Vaz que surge o bairro de São José, local onde se encontra o estudo de caso aqui apresentado.

A área central do Recife, desde a presença dos holandeses, se caracteriza pela sua forte tendência comercial. Antes, ocupada por sobrados aristocráticos de uso misto com comércio no pavimento térreo e moradia nos andares superiores, a área é abandonada pela classe média, que o habitava nas décadas de 1930 e 1940, que se dirige para o primeiro eixo de expansão urbana do Recife, ao longo do Rio Capibaribe.

Esse processo traz como conseqüência a degradação do centro, e o Bairro de São José sofre um processo de deterioração com a degradação das edificações históricas, o surgimento de cortiços e pensões e a proliferação de estabelecimentos comerciais. “A mudança de uso, de habitação para comércio e serviços, iniciada no começo do século XX no bairro do Recife, continua em meados deste século em São José e Santo Antônio” (Recife, 2007).

Na década de 1970, o Bairro de São José sofre uma intervenção urbana que traz em seu bojo uma agressiva transformação morfológica. É aberta a Avenida Dantas Barreto, em uma operação urbana do tipo arrasa quarteirão. Em busca de uma falsa “modernidade”, são destruídas, além da malha viária pré-existente, mais de 400 casas, a igreja dos martírios e o Pátio do Carmo.

A Avenida Dantas Barreto nunca chegou a desempenhar sua principal atribuição funcional, a de artéria viária. Dessa forma, na década de 1990, é avenida só no nome - tem características físicas de avenida: dimensões da caixa de rolamento e dos passeios - no entanto, não exerce sua função na malha urbana, pois não liga nada a coisa nenhuma.

Em decorrência da subutilização do espaço público, e tendo em vista a crise econômica que assolava o país, a área é intensamente apropriada pelo comércio informal – os tradicionais camelôs da cidade do Recife. Como conseqüência desta ocupação “espontânea” uma série de conflitos foram gerados contribuindo para a deterioração deste espaço urbano. Assim, na época de elaboração da proposta do calçadão dos mascates, encontravam-se naquele espaço

áreas de estacionamento, terminais de ônibus e uma grande quantidade de vendedores ambulantes atraídos pela intensa circulação de pedestres, cerca de 150 mil pessoas diariamente.

3. O Calçadão dos Mascates – histórico

No ano de 1992 foi elaborado o Plano de Revalorização do Centro pela Prefeitura da Cidade do Recife, que tinha como objetivo principal estimular o turismo cultural naquela área, visto a riqueza de patrimônio histórico arquitetônico que ali se encontrava.

No entanto, ao se deparar em campo com o centro da cidade tomado por ambulantes, detectou-se a necessidade premente de organizar o mercado informal.

- O Pátio do Carmo, era tomado de barracas, você passava o tempo todo e não via a Igreja. (...) Lá era uma feira permanente (...). Você andava o tempo todo embaixo de lona, não via a paisagem urbana (L'Amour, 2006)².

Segundo Zeca Brandão, a idéia inicial por parte dos gestores naquele momento era de apenas reorganizar os camelôs no espaço e padronizar as barracas, no entanto, o arquiteto propôs:

- Fazer um equipamento que tivesse um apelo, uma cara de arquitetura, que utilizasse também essa imagem como o *shopping center* usa e que usasse isso para recuperar e não para limpar o espaço (Brandão,2005).

O local escolhido para desenvolver a proposta foi a Avenida Dantas Barreto, pois se tratava de um espaço amplo e subutilizado. “Era onde tinha espaço para fazer, tinha uma calha de 30 metros com uso na metade das vias, era um espaço ocioso que nunca funcionou como sistema viário” (L'Amour, 2006). Dessa forma, o Calçadão dos mascates foi inaugurado em 1994, na segunda gestão do prefeito Jarbas Vasconcelos (1993-1996).

4. O Calçadão dos Mascates

4.1. O projeto

O projeto do calçadão foi desenvolvido pela Empresa de Urbanização do Recife - URB/RECIFE. Os autores do projeto foram contratados para trabalhar na Diretoria de Projetos Especiais, pelo então diretor Marcelo Figueiredo. Os próprios arquitetos afirmam que houve uma intensa participação de vários setores daquele órgão através de assessoria técnica de áreas complementares como sistema viário, transportes, patrimônio histórico, etc.

- Acho que foi uma experiência que até então não tinha tido: unir no mesmo projeto várias disciplinas de sistema viário, patrimônio histórico, pessoas com experiência em intervenção urbana, em projeto de arquitetura, todos num grupo só, lógico que quem tava a frente era eu e Zeca , éramos nós que conduzíamos (L'Amour, 2006).

O projeto tinha como principal objetivo “recompor e requalificar a qualidade ambiental do histórico bairro e atribuir novos sentidos para a avenida” (Brandão e L'Amour, 1995, p.56).

² Como foi citado na introdução, a construção deste trabalho teve como uma das principais bases entrevistas feitas tanto com a população quanto com os arquitetos envolvidos na proposta. Os fragmentos das entrevistas utilizados aparecem no texto recuados e entre aspas.

Segundo os autores, a proposta pretendia reestruturar o espaço através da articulação das práticas dos seus agentes/usuários.

O Calçadão era constituído por seis módulos, localizados de forma linear ao longo da avenida entre o pátio da Igreja de Nossa Sra do Carmo e a Praça Sérgio Loreto (**Figura 1**). Foi projetado para abrigar cerca de 1400 comerciantes informais e além dos módulos foram construídos 168 quiosques distribuídos estrategicamente nas áreas próximas a Igreja do Carmo e encabeçando os módulos.

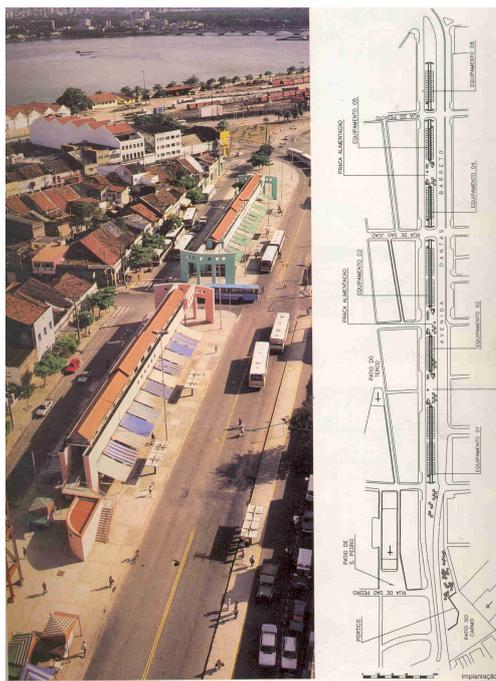


Figura 1

Vista superior do Calçadão e planta de implantação.
Fonte: L'Amour e Brandão (1995).

A primeira decisão de projeto foi local o equipamento de forma que a escala da rua histórica fosse restabelecida. Assim, o “camelódromo” foi locado próximo à face da rua que mantinha as fachadas mais preservadas. A referência principal ao local os módulos que compunha o equipamento foi a malha urbana que existia antes da abertura da Avenida Dantas Barreto, ou seja, os pontos iniciais e finais de cada módulo eram coincidentes com as antigas “cabeças” de quadra da trama urbana original do bairro.

Com relação ao Pátio do Carmo, foi proposta a desobstrução do mesmo para liberar a área de valor histórico e possibilitar a visualização da Igreja do Carmo. Os arquitetos demonstraram preocupação também com a visibilidade dos monumentos históricos que se encontravam no entorno, locando o equipamento de forma a não impedir a visualização das torres da Igreja de São Pedro.

Outro ponto levado em consideração foi a tentativa de restabelecer a escala perdida do Pátio do Carmo, através da criação de um elemento arquitetônico que demarcasse o espaço:

- para voltar a ter esse elemento do pátio urbano, mesmo agora não tendo mais a quadra que definia o pátio, a gente propôs um pórtico de concreto em cima da

cabeça de quadra completamente vazado, uma marcação virtual do final dessa quadra para a gente reestabelecer essa escala que foi perdida (L'Amour, 2006).

Uma questão importante a resolver era a necessidade de estimular o fluxo de pedestre na área como forma de alimentar o comércio ali estabelecido,. Assim, foram distribuídos vários pontos de ônibus ao longo de toda a dimensão do camelódromo.

Optou-se também pela criação de um equipamento que abrigasse os vendedores ambulantes, de forma que não impedisse a visualização da paisagem urbana, assim a estrutura pensada tinha características de uma galeria, com a cobertura do térreo flexível, o que possibilitava deixar a área livre durante a noite.

- A gente sabia que a maioria dessas pessoas se dirigia no sentido da área central e criamos um equipamento que na verdade é uma galeria, que tem uma referência que é a Guararapes que é cheia daquelas galerias (...) Dessa forma, você sombreia e canaliza o vento, então o equipamento proporciona uma área de conforto (Brandão, 2006).

Dessa forma, foram criadas as longas galerias, com áreas cobertas por lonas as suas margens e, na parte superior, os depósitos onde seriam guardadas tanto as mercadorias, quanto às bancas de apoio à comercialização.

O equipamento foi pensado de modo que pudesse ter um múltiplo uso, que de dia servisse para as funções comerciais, mas a noite deixasse o espaço livre para manifestações culturais e para a visualização da paisagem urbana pitoresca dos edifícios históricos. Com relação ao aspecto formal da proposta ressaltam-se as referências aos elementos arquitetônicos do sítio histórico (**Figuras 2 e 3**).

Dentro desse conjunto, se destacam o mercado de São José, as torres das igrejas que se impõem sobre o mar de telhas das cobertas inclinadas do antigo casario (...), o lanternim dos velhos edifícios de armazenagem e a tipologia da galeria coberta, que protege o transeunte da chuva e do intenso sol da região (Brandão e L'Amour, sd).

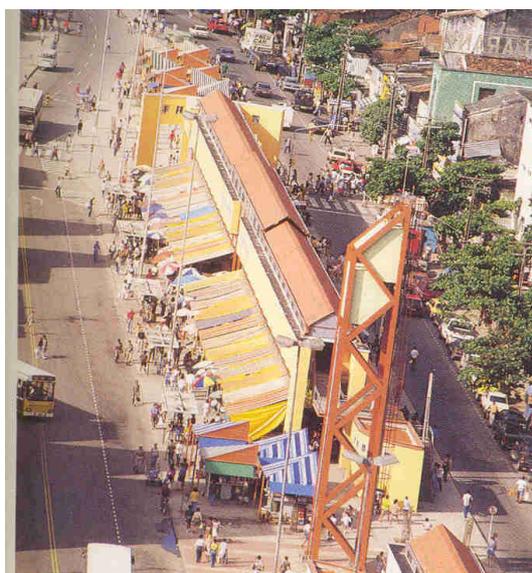


Figura 2

Galerias cobertas por lonas.

Fonte: L'Amour e Brandão (1995).

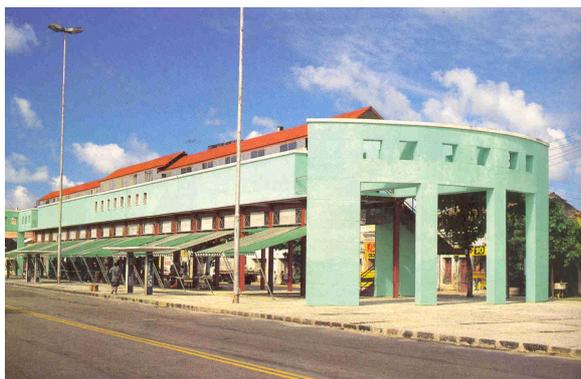


Figura 3

Vista de um dos pórticos que marcam as cabeças de quadra .
Fonte: L'Amour e Brandão (1995).

A coberta do equipamento se assemelha a um lanternim. Outros elementos importantes são as venezianas que também são referências à arquitetura local.

- Apesar do equipamento ser extremamente moderno tem fragmentos, na sua tipologia arquitetônica, nos seus detalhes construtivos, de venezianas, de lanternins, das cores que estão presentes no bairro, pelo menos naquilo que a gente achou que poderia se referir ao bairro (L'Amour, 2006).

Dessa forma, na questão estética o equipamento traz uma linguagem que respeita a leitura do entorno, não através de cópias ou referências explícitas, mas trabalhando elementos arquitetônicos que têm uma relação com a cultura do local.

4.2. O partido

Os autores do projeto colocam como ponto fundamental para a proposta a tentativa de retomar a escala própria dos sítios históricos que havia sido perdida com a abertura da Dantas Barreto, na década de 1970. Para tanto foi feito um levantamento iconográfico em busca de desvendar o desenho da malha antiga.

Para esclarecer melhor essa questão, utilizam-se aqui as palavras de Brandão:

- No final de cada equipamento desse a gente criou um elemento como se fosse um pórtico marcando as cabeças de quadra, e esses pórticos têm um desenho que é referência daquilo eram as portas e as janelinhas de cima do casario. (...) Só que o pórtico é curvo. Assim o que definiu dimensionamento desse equipamento foi exatamente o que existia antes: as quadras. Então, várias decisões projetuais foram tomadas em função do que era antes (Brandão, 2005).

Assim, a idéia era não de reproduzir algo que foi perdido, mas de ter elementos de escala, de gabarito, de altura, que remetia a uma história existente. Outro ponto fundamental foi o respeito às atividades e funções preexistentes, que foram conservadas e organizadas de forma a evitar conflitos espaciais.

Assim além do equipamento em si era de fundamental importância à manutenção e redistribuição das linhas de ônibus que circulavam na avenida naquele momento.

4.3. A execução

Segundo Brandão, por questões político-eleitorais eles tiveram muito pouco tempo para desenvolver e executar a proposta. Brandão conta que propôs a elaboração de um “piloto” para testar o funcionamento do equipamento principalmente com relação ao sistema de cobertas feitos com lonas, o que não foi aprovado, por questões temporais e financeiras. Como consequência, no dia da inauguração da obra houve sérios problemas:

- Fizemos uma lona muito básica e demos azar de no dia da inauguração ter caído a maior tempestade, um dilúvio, muito vento e tal. Aí molhou gente, teve uma lona que soltou e quase bateu em uma pessoa, quase machucou a pessoa (Brandão, 2005).

Diante desse fato, a idéia da cobertura flexível que permitia deixar livre o espaço durante a noite se inviabilizou, pois os gestores argumentaram que, politicamente, não era mais possível manter aquela idéia, uma vez que a opinião pública tinha ficado contrária. Dessa forma, a parte da coberta teve que ser redesenhada e trocada por uma cobertura fixa. Foi por muito pouco tempo que as coberturas de lona foram utilizadas:

- Foi só enquanto a gente começou a desenhar outra. No entanto, era muito mais interessante, não só simbolicamente porque a origem do camelô é o oriente, onde temos como referência as tendas árabes, (...) mas também funcionalmente porque tinha a possibilidade de desmontá-las (Brandão, 2005).

Segundo o arquiteto acima citado, o tempo gasto entre a elaboração e execução da proposta foi muito curto:

- Foi muito rápido, (...) entre projeto e construção eu acho que foi um ano e pouco. Para a elaboração do projeto a gente deve ter passado uns 4 meses, esse aí é um trabalho que para se fazer como deveria... para fazer um projeto de desenho urbano mesmo deve-se passar um ano conversando, todos os agentes discutindo, as possíveis soluções (Brandão, 2005).

De acordo com Brandão, a forma como foi encaminhado o processo não permitiu que a proposta fosse desenvolvida de uma maneira satisfatória levando em conta que o desenho urbano não se trata apenas de um projeto urbano e sim de um processo onde todos os agentes sociais que se encontram no espaço devem estar envolvidos para a discussão das soluções e para que ocorram as negociações necessárias.

5. Desenho urbano X identidade cultural – uma relação possível?

5.1. O olhar dos técnicos

Foram entrevistados os dois arquitetos que foram autores da proposta do Calçadão dos Mascates: Ronaldo L’Amour³ e Zeca Brandão⁴, todas as considerações tecidas nesse item têm como base às entrevistas.

³ Ronaldo L’Amour formou-se na Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 1985, atua em escritório desde então e desenvolveu vários projetos importantes para cidade de Recife, a maioria juntamente com Zeca Brandão. Entre eles podemos citar: o Terminal Marítimo de Passageiros, o Shopping Popular para o Cais de Sta. Rita, entre outros.

⁴ Brandão formou-se em 1980 pela FAU-Bennett do Rio de Janeiro é professor da Universidade Federal de Pernambuco e doutor pela *Architectural Association School*, de Londres.

5.1.1. Fundamentação teórico-conceitual dos arquitetos

Com relação à base teórico-conceitual que fundamenta a atuação do arquiteto Ronaldo L'Amour pode-se destacar uma influência a escola moderna pernambucana representada por figuras como Delfim Amorim, Borsoi, Luis Nunes, entre outros.

L'Amour coloca que:

- Os professores daquela época tinham esse repertório que repassavam para gente e agente absorveu aquilo sem nem saber que estava absorvendo aquela escola (L'Amour, 2006).

No entanto, o arquiteto afirma que o contato no final do curso de graduação com autores que questionavam os paradigmas do modernismo, como Venturi⁵, Moore, Subirats entre outros, o fez questionar muito do que tinha apreendido na universidade.

Já formado, L'Amour conta que outras leituras que foram marcantes na sua vida profissional foram os livros: “A casa e a rua”, de Roberto da Mata, que trazia a visão de um antropólogo sobre o espaço urbano e “Quando a rua vira casa” de Carlos Nelson, que trata de uma análise interdisciplinar da apropriação de espaços urbanos através de uma visão que busca aliar o conhecimento arquitetônico e urbanístico a uma abordagem da antropologia social.

-Na escola a gente não tinha essa formação. A formação nossa era estudar o edifício quase sem gente morando, não é? Então esses livros foram importantes para mim (L'Amour, 2006).

Para Zeca Brandão a formulação da proposta estudada não traz em seu bojo nenhuma referência teórica explícita, mas admite a influência do pensamento de autores como, por exemplo, Aldo Rossi.

A memória, para Rossi, antes que uma fonte de modelos a serem reproduzidos no presente, é a possibilidade de retomar a relação dialética com o mundo dentro do processo histórico, a partir das noções espaciais – as permanências (Mendonça, 2000).

Assim, pode-se constatar essa influência na medida em que a preocupação com a questão histórica do bairro esteve sempre presente no processo de criação da proposta e que se podem observar no projeto as referências às permanências.

5.1.2. Abordagem metodológica utilizada

Quanto à abordagem metodológica utilizada percebe-se que não houve um método de investigação⁶ da realidade específico predefinido que embasasse a proposta de desenho urbano. Já existia um diagnóstico prévio na URB-Recife, que os arquitetos complementaram através de observação “in loco” e de levantamentos de dados morfológicos na Avenida Dantas Barreto e entorno.

⁵ Foram citados por L'Amour os livros Complexidade e contradição na arquitetura de Venturi; Corpo, memória e arquitetura de Charles Moore; e alguns artigos de Subirats dos congressos de arquitetura de 87 e 88.

⁶ Como por exemplo: Morfologia Urbana, Análise Visual, Comportamento Ambiental, Percepção Ambiental, etc.

Ronaldo L'Amour coloca que no Desenho Urbano deve-se montar uma estrutura de interpretação dos espaços e dos usos dados de modo que se possa fazer uma identificação da área estudada e se filtrem as informações para utilizá-las na proposta.

O autor ressalta que para ele a observação direta é fundamental:

- É claro que tem a sua ida lá, o seu olhar, eu acho que independentemente de você ter esses dados que vão consolidar um corpo de informações que ajuda você a fazer o projeto, tem a sua observação direta eu acho que essa observação direta é fundamental, seu olhar é fundamental (L'Amour, 2006).

Questionado sobre a necessidade de entender melhor o espaço através do olhar do usuário - como nos fala Kevin Lynch⁷ - L'Amour afirmou que apesar de não ter existido um método de investigação sistematizado onde os usuários do espaço fossem consultados (entrevistas, questionários etc.), nem ter um âmbito onde o projeto pudesse ser discutido com os mesmos, de certa forma a relação com os usuários estava presente no projeto na medida em que se procurou entender o funcionamento do comércio informal.

- A gente sabia que esse comércio não funcionava em um lugar confinado, sabia que era um tipo de comércio no qual tem que ter permanentemente fluxo de pessoas "irrigando". Eu acho que teve essa consideração, não necessariamente através de uma entrevista direta com eles mas de procurar entender como é que funcionava esse comércio informal (L'Amour, 2006).

Apesar de não terem sido utilizados os métodos da percepção ambiental, nem da análise visual, Zeca Brandão afirma que alguns temas de investigação dessas abordagens metodológicas como as análises de percursos e a visão serial foram utilizadas.

- Tivemos como referência o Lynch e a maneira de analisar (...) se os percursos eram interessantes, (...). Não só o Lynch, mas também o Cullen com o conceito de visão serial. A gente marcou as localizações daquelas torres de caixas d'água exatamente nas visadas mais interessantes que você tinha do lado de fora da avenida Dantas Barreto (Brandão, 2005).

Enfim pode-se concluir que apesar de alguns temas e elementos de análise do espaço urbano terem sido utilizados na fase de diagnóstico da área, não foi utilizada no processo de elaboração da proposta nenhuma abordagem metodológica consolidada.

5.1.3. Elementos direcionadores da proposta

Segundo os arquitetos entrevistados a proposta tinha como diretrizes básicas as seguintes:

- Manutenção dos usos preexistentes na área;
- Articulação dos interesses, objetivos e da dinâmica de funcionamento dos agentes sociais presentes no espaço;
- Necessidade da criação de fluxo de pessoas.

⁷ Para esse assunto consultar o livro *Imagem da cidade* de Kevin Lynch publicado pela primeira vez na década de 1960.

5.1.4. Análise das características físicas da proposta

As bases de análise principais foram os elementos gráficos (plantas e perspectivas) e as descrições da proposta obtidas em revistas especializadas, além do respaldo das entrevistas. Foram as seguintes as variáveis de análise escolhidas⁸: permeabilidade; variedade; legibilidade; robustez; riqueza; apropriedade visual; e personalização.

A permeabilidade relaciona-se com a maneira que uma determinada proposta de desenho urbano afetar as possibilidades de circulação das pessoas dentro de uma área da cidade. No caso do Calçadão dos Mascates, a proposta original tinha uma alta permeabilidade, ou seja, o desenho utilizado ordenava e facilitava a circulação dos principais fluxos preexistentes. A forma do equipamento fazendo às vezes de galeria pretendia ser um convite aos pedestres para circular à sombra, protegidos pela cobertura em forma de lanternim. O fato de locar os módulos de acordo com a antiga malha existente também facilitava a circulação na medida em que dava continuidade as vias que ainda existem e que compõem a quadras históricas do entorno da proposta. Além disso, ainda era clara a preocupação em locar as bancas de comercialização de forma que não se tornassem obstáculos a livre circulação. Infelizmente o que vemos hoje em campo não mais condiz com a proposta original, os espaços livres que serviam como marcação das antigas cabeças de quadra foram tomados por “puxados” feitos de plástico, madeira e chapa metálica, impedindo dessa maneira a livre circulação dos pedestres (**Figura 4**).

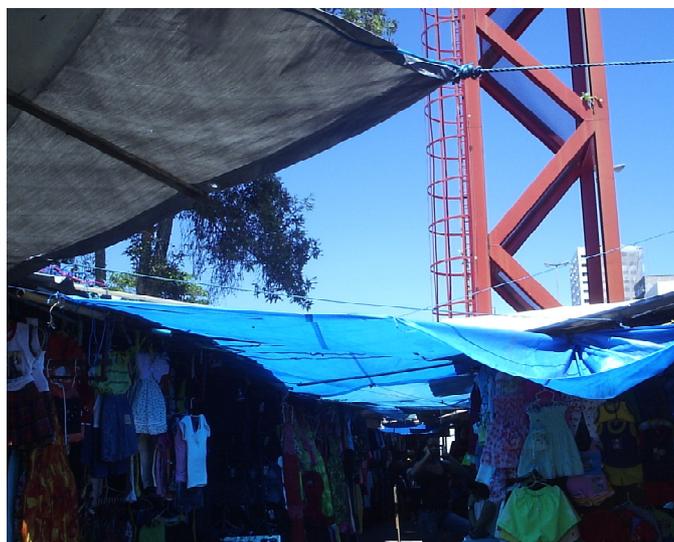


Figura 4

Vista das coberturas improvisadas e da ocupação dos espaços livres.

Fonte: acervo da autora, 2006.

A variedade refere-se à escala de usos que um lugar fornece. Como foi dito anteriormente a proposta tinha com diretriz a manutenção e ordenação dos usos preexistentes que eram o comércio informal, a utilização da área como terminal de ônibus, e áreas para estacionamentos. Percebe-se na proposta uma grande preocupação em ordenar os camelôs e os pontos de ônibus no decorrer de todo calçadão como forma de distribuir melhor o fluxo de

⁸ Tendo como base o livro *Responsive environments* (1985).

pedestres, as áreas de estacionamento são localizadas ao longo de toda a via, no entanto, são pouco exploradas e deixadas de lado na proposta. Atualmente se encontram os seguintes usos na área: local de compras a preços populares, e de serviços como um restaurante *self service*, algumas lanchonetes, duas *lan houses* e ainda bancas voltadas para pequenos consertos de eletrodomésticos, amoladores de tesouras e alicates, etc. Além desses usos, nos últimos módulos, que se encontram em estado de abandono, acontece o troca-troca – comercialização de produtos roubados. Finalmente o último módulo funciona como um terminal de ônibus improvisado.

A legibilidade se relaciona à facilidade com que os povos podem compreender a disposição espacial de um lugar. Os autores da proposta procuraram torná-la legível através da escala utilizada - altura do equipamento obtida com a localização dos depósitos no pavimento superior e com a inserção das torres das caixas d'água que servem como marcos na paisagem. Apesar da confusão de informações que se encontra no local hoje, a proposta ainda se destaca na paisagem, é um marco de referência na paisagem.

A robustez trata-se da utilização de um *design* de espaços que não limita os usuários a um único uso fixo, mas, ao contrário, suporta muitas finalidades e atividades diferentes. Nesse caso a proposta original foi pensada de forma a possibilitar a robustez uma vez que a idéia era deixar a área completamente livre à noite para que fossem possibilitados diversos usos. No entanto, por um lado a flexibilidade original foi quebrada devido à troca da cobertura através do sistema de lonas por uma cobertura fixa. Por outro lado, não acontece mais o desmonte das barracas para a guarda nos depósitos superiores que se encontram abandonados.

A apropriade visual trata-se da maneira na qual o projeto fisicamente pode fazer pessoas cientes das escolhas que o lugar fornece. As marcações das antigas “cabeças” de quadra através de pórticos e a pintura dos módulos com cores distintas facilitaria a visualização dos vários módulos que compõem a proposta. Hoje é grande a confusão visual da área o que dificulta a leitura e capacidade de orientação na área.

A riqueza envolve maneiras de aumentar as escolhas da experiência do sentido que os usuários podem apreciar; no caso da proposta estudada, existia uma riqueza na paisagem composta pela diversidade da arquitetura do casario e das cores dos módulos que compõem o camelódromo. Hoje o ambiente está tomado novamente por vendedores ambulantes com suas lonas, plásticos e madeiras que fazem às vezes de coberturas, o casario de encontra em estado avançado de degradação e a iluminação é precária. Quanto às experiências sonoras não houve nenhuma preocupação por parte dos autores da proposta e hoje é intensa a poluição sonora da área devido aos rumores típicos de áreas de comércio popular.

A personalização se refere a projetos que incentivam as pessoas a pôr sua própria marca sobre os lugares onde vivem e trabalham – nesse caso, a proposta não trouxe nenhuma preocupação com o estímulo a personalização.

5.1.5 Relação teoria / prática

Através de leituras do projeto e da análise das entrevistas com a equipe técnica responsável pela proposta, foi buscado o elo que une a teoria e a prática. O primeiro ponto a ser ressaltado, é que não houve discussões teóricas nem tampouco a aplicação de um método de apreensão do espaço definido para a fundamentação da pesquisa e o desenvolvimento do projeto.

Os arquitetos argumentam que o tempo exíguo que tiveram para o desenvolvimento da proposta e a pressão dos gestores para a utilização do projeto com fins político-eleitorais foram os principais fatores que impossibilitaram um âmbito de discussão com os agentes sociais envolvidos e dificultaram o amadurecimento da proposta.

Outra dificuldade para colocar em prática as idéias foi a resistência à proposta por parte, dos comerciantes informais que temiam que a mudança trouxesse uma diminuição nas suas vendas, devido às especificidades do comércio informal e da necessidade de ser uma área com permanente fluxo de pedestres.

O arquiteto José Brandão coloca que a falta de discussão com os agentes sociais dificultou o entendimento de que o processo de desenho urbano envolve uma composição de interesses onde cada lado tem que perder um pouco para que haja um ganho coletivo.

- Eles teriam que saber que eles iam perder individualmente, cada um deles ia perder um pouco para que todos juntos pudessem ganhar, eles teriam que abrir mão de certos benefícios e isso não existiu! (Brandão, 2005).

A discussão da proposta não saiu do âmbito técnico, mas nesse aspecto foi muito interessante o processo de trabalho. Como foi citado anteriormente, houve um intenso envolvimento dos técnicos de várias áreas especializadas da URB-Recife o que enriqueceu a experiência. No entanto, José Brandão coloca que a questão é política e institucional e que para o que processo de desenho urbano ocorra é necessária uma integração institucional nos três níveis de governo municipal, estadual e federal. A maior dificuldade reside no fato de que nem sempre essas instâncias políticas são do mesmo partido, “é preciso que essas estruturas tenham flexibilidade e tenham poder técnico que sobreponha esse poder partidário e que haja responsabilidade técnica” (Brandão, 2005).

Enfim, para que o processo de desenho urbano se desenvolvesse de forma satisfatória o poder municipal deveria conduzir o processo de negociação assumindo a coordenação da proposta e articulando as instituições públicas e privadas envolvidas, bem como as representações sociais interessadas, no entanto, isso não ocorreu.

5.1.6 Questões relacionadas à identidade cultural

Os arquitetos entrevistados afirmaram, pelo menos em seus discursos, a importância de se considerar na elaboração das propostas de desenho urbano questões relacionadas à identidade cultural da população. Ronaldo L'Amour coloca:

- É claro que as questões culturais são importantes! Veja só é ...uma coisa é a gente considerar importante isso outra coisa é ver como é que a gente vai buscar essa identificar isso, né? Que não é muito fácil e eu pelo menos não disponho de muita metodologia para fazer isso (L'Amour, 2006).

Fica claro, por um lado, que com relação à questão histórica, e com os usos preexistentes houve uma preocupação dos arquitetos rebatida na proposta. Por outro lado, os fatores relacionados à identidade cultural da população usuária como tradições, ritos, costumes, crenças e valores da população, etc., não foram considerados, uma vez que a população não foi envolvida, de nenhuma forma no processo de elaboração da proposta.

5.2. O olhar dos usuários

5.2.1. Nível de identificação com a proposta

- Eu me identifico com o camelódromo por que todo dia eu estou aqui das 7 da manhã as 7 da noite. De qualquer forma eu estou ligado aqui (Inácio Lima,2006).
- Me sinto parte do lugar porque faz muito tempo que eu estou aqui, desde o começo (1994) (Gerson, 2006).

Com base nas entrevistas aplicadas, percebe-se que a maioria não se identifica com o lugar. Como se pode observar nos depoimentos acima, para àqueles que se identificam, essa identidade com o calçadão é basicamente resultante do fator tempo e pelo fato de que apesar das dificuldades diárias é daquele espaço que os mesmos obtêm a sobrevivência e não devido à sensação de diferenciação por questões estéticas, funcionais ou pela história coletiva. Sabe-se que a permanência por um determinado tempo em um determinado espaço facilita o surgimento de identidades e significados e percebe-se que esse fator foi de fundamental importância para a criação da identidade que ainda persiste em alguns camelôs com a área.

5.2.2. Nível de participação

O processo de elaboração da proposta não se deu de forma participativa, seja por questões político-eleitorais, seja por falta de investimento de tempo, ou mesmo por falta de um perfil dos arquitetos que incorporassem a participação popular como um método de trabalho. As entrevistas feitas na rua confirmam os relatos dos técnicos, como se pode ver nas seguintes respostas:

- Fizeram uma reunião, praticamente obrigaram a gente vim para cá, ou a gente saía ou não trabalhava (Rita dos Santos, 2006).
- Não houve discussão fizeram e botaram a gente no lugar e pronto (Marcos dos Santos,2006).

Os entrevistados em sua maioria colocaram que a proposta foi imposta e que eles só aceitaram sair das ruas devido à pressão do poder público que garantia que se não fossem para o camelódromo eles não ficariam mais em lugar nenhum. Ou seja, o processo não foi nada democrático, o que não possibilitou um âmbito de discussão e dificultou um envolvimento maior com a manutenção do projeto por parte dos seus principais usuários – os camelôs.

5.2.3 Afetividade/envolvimento

De todos os entrevistados apenas dois afirmam que não gostam do lugar onde trabalham, no entanto a maioria demonstra claramente revolta com o estado de abandono em que se encontra o Calçadão dos Mascates. Percebe-se que a questão da afeição está também relacionada ao tempo de envolvimento com espaço que traz a familiaridade e a aceitação e não devido à satisfação com o lugar. Como apoio a essa afirmação, toma-se de empréstimo as palavras de Lucy Machado:

- (...) para aqueles que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até afeição; a afeição por uma localidade raramente é adquirida de passagem, pois, com o tempo, nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido” (Machado, 1996:114).

Alguns depoimentos confirmam essa afirmação:

- Eu gosto, aprendi a gostar porque é daqui que eu vivo. Aprendi a gostar porque em primeiro lugar eu fiz muitas amizades boas. Sinto-me responsável pelo meu espaço. (M. Socorro, 2006)
- Gostar eu gosto, mas não adianta eu de barriga cheia e meu irmão de barriga seca. Eu quero uma luta para todos (A. Sena, 2006).

5.2.4. Formas de apropriação da área

Antes da proposta, a área tratava-se de uma grande avenida que estava invadida por camelôs, áreas de estacionamento e várias paradas de ônibus.

Depois da elaboração da proposta, os usos anteriores permaneceram, e apenas foram organizados de forma mais coerente no espaço. No decorrer do tempo, devido à falta de fiscalização, da inexistência de um plano de gestão e até da falta de comprometimento dos camelôs com a proposta inicial, a área está novamente caótica. Os espaços livres propostos entre os módulos foram apropriados e tomados por novas barracas, as praças se tornaram áreas de vendas cobertas com materiais improvisados. Somente nos três primeiros módulos é possível ainda encontrar certo movimento. Os três últimos módulos estão abandonados e é evidente a decadência da estrutura física em todo o conjunto da obra.

5.2.5. Significado

Durante as entrevistas ao se questionar o que vinha a mente quando os usuários (camelôs) ouviam as palavras “Calçadão dos Mascates” ou “Camelódromo” as repostas mais frequentes relacionavam aquele espaço com local de trabalho, “do ganha pão de cada dia”, de comércio popular. “Espaço para as pessoas que não tiveram condições na vida para procurar um local menos discriminado” (Inaldo, 49 anos). Essa sensação de discriminação provavelmente está associada ao segundo significado mais encontrado: local abandonado. É geral a reclamação do abandono. A grande maioria reclama que os gestores não fazem uma manutenção adequada nem criam regras de boa conduta para uma convivência adequada no local. Os próprios comerciantes informais reclamam da falta de padronização dos boxes e de uma fiscalização eficiente para que o ambiente não fosse tão desorganizado. A dificuldade das vendas é outro problema encontrado relacionado com o camelódromo. Com exceção do primeiro módulo que se encontra em localização privilegiada, todos os entrevistados dos outros módulos associaram o local à dificuldade das vendas.

- Significa um comércio informal. É como se fosse uma referência – camelódromo - uma referência. Uma boa ação que não deu certo para todos, precisava de mais investimento político. Ele tirou o povo da rua, mais não adiantou porque o povo está de volta tudo na rua de novo. Não deu certo porque não teve interesse político de movimentar o comércio, trazer mais paradas de ônibus, eles não trouxeram, foi só promessa (A. Sena, 2006).

Apesar da preocupação inicial dos arquitetos com a necessidade de “irrigar” a área com os fluxos de pedestres, e de fazer um espaço aberto que tentasse manter a condição de comerciante de rua, ou seja, que obedecesse a lógica do comércio informal, no decorrer do

tempo, a proposta não obteve o sucesso esperado, apesar de todas as boas críticas e prêmios internacionais⁹ que recebeu.

6. Considerações a respeito do encontro dos olhares: técnicos x usuários

A primeira consideração a fazer é que a discussão sobre a proposta ficou no âmbito do olhar técnico, não existiu a presença do olhar do usuário. Nesse sentido o único avanço conseguido foi a interdisciplinaridade conseguida no ambiente interno da URB-Recife.

Outro item a se ressaltar é a falta da criação de um plano gestão que pudesse conduzir a implantação e o bom funcionamento da proposta no decorrer do tempo. A falta de envolvimento dos usuários na elaboração da proposta e a falta de organização dos mesmos como classe também contribui com o descaso e abandono em que hoje podemos visualizar na área.

Deve-se colocar também que apesar dos arquitetos colocarem a importância das questões relacionadas à identidade cultural e de no discurso de um deles tenha sido colocada a influência de uma abordagem “antropológica e sociológica”, pelo que se pode observar esse tipo de olhar não faz parte da sua *práxis*. O respeito à preexistência do patrimônio arquitetônico é um ponto salutar que se deve ressaltar. Além disso, a proposta original possuía algumas qualidades físicas como a permeabilidade, a manutenção dos usos anteriores, a legibilidade, entre outras. Por um lado, devido à falta de identidade dos usuários com a proposta e da apropriação do espaço como o lugar de todos, e por outro lado pela falta de uma gestão preocupada com aquele espaço, várias dessas qualidades foram perdidas. Como resultado, hoje o “Calçadão dos Mascates”, proposta que na década de 1990 foi tão bem vista pelos críticos de arquitetura e copiada por outras cidades, se encontra decadente e em estado de abandono.

Referências

Amorim, L.; Loureiro, C. O mascate, o bispo, o juiz e os outros: sobre a gênese morfológica do Recife. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v.3, p. 19-38, nov. 2000.

Bentley, I. et al. **Responsive Environments: A Manual for Designers**. London: The architectural Press, 1985.152 p.

Brandão, J. e L’Amour, R. O Calçadão dos Mascates. In: Revista Projeto(1993/94), nº190. _____. Redefinição de Trayectos. In: **Revista Movilidad Urbana**. (sn/sd).

Lacerda, N. **Globalização e identidades locais**. In ZANCHETTI, Sílvia (org). Gestão do Patrimônio Cultural Integrado. Centro de Conservação Integrada Urbana e Territorial, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

Machado, L. M. C. P. Paisagem valorizada - A serra do Mar como espaço e como lugar. In: Del Rio, Vicente; Oliverira, Livia de (orgs.). **Percepção Ambiental: a** Mendonça, D. X. de.

⁹ Um deles foi o prêmio Internacional de Desenho Urbano na 10ª Bienal de Arquitetura de Quito, em 1996.

Publicado sob licença da HUMANAE. Revista Eletrônica da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA (ISSN 1517-7602). Endereço: http://www.esuda.com.br/revista_humanae.php. Utilize o seguinte formato para referenciar este artigo: Lima, V. M. F. O Calçamento dos Mascates: uma análise da proposta de desenho urbano. **Humanae**, v.1, n.1, p.54-70, Set 2007.

Rossi e Eisenman...Freud explica! In: Vitruvius, texto especial nº 020, outubro de 2000. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp020.asp>>. Acesso em XX de setembro de 2006.

Recife, Prefeitura da Cidade do. **Prefeitura da Cidade do Recife**. Disponível em: <www.recife.pe.gov.br>. Acesso em: 12 de abril de 2007.